

Monferrer-Sala, Juan Pedro, *Scripta Theologica Arabica Christiana: Andalusī Christian Arabic Fragments Preserved in Ms. 83 (al-Maktabah al-Malikiyyah, Rabat)*, (Col. Textos e estudos de Filosofia Medieval, 10) Edições Húmus, V.N. Famalicão 2016; 110 pp.; ISBN 9789897551994.

O livro recentemente publicado pelo Prof. Juan Pedro Monferrer-Sala intitulado *Scripta Theologica Arabica Christiana: Andalusī Christian Arabic Fragments Preserved in Ms. 83 (al-Maktabah al-Malikiyyah, Rabat)* é uma edição diplomática de alguns excertos da obra de polémica religiosa atribuída al-Imam al-Qurtubī conhecida por *al-Iʿlam*, mas que se intitula na verdade:

الإعلام بما في دين النصارى من من الفساد والاهام وإظهار محاسن دين الاسلام واثبات نبوة نبينا محمد عليه الصلاة والسلام- للامام ابو الحسن احمد بن عمر الانصاري القرطبي

que em português se traduz como:

“As notícias sobre as ilusões da religião cristã e a mostra das virtudes da religião muçulmana e a prova da profecia do nosso profeta Maomé (a paz esteja com ele) compilado por Abū ‘Abdullah Muhammad ibn Ahmad ibn Abū Bakr al-Ansārī al-Qurtubī”.

Al-Qurtubī (1182-1258) foi um jurista célebre da escola de pensamento maliquita que viveu em Córdova entre finais do século XII e a primeira metade do século XIII. *Al Iʿlam* é de facto uma das mais conhecidas polémicas produzidas por um jurista muçulmano contra as práticas e conceções teológicas dos cristãos do al-Andalus. A introdução que acompanha a edição crítica da obra dos fragmentos de al-Qurtubī fornece a informação necessária e essencial para que o leitor possa entender o contexto da sua elaboração, e providencia também ao leitor detalhes que dizem respeito à tradição e transmissão manuscrita da obra.

Esta conserva-se em três manuscritos, dois dos quais estão hoje na biblioteca Köprülü Ahmed em Istambul (com a cota MS 794b e 814). O terceiro, proveniente da cidade de Jerba (Tunísia), está atualmente na biblioteca real de Rabat em Marrocos (MS 83). O manuscrito marroquino é o mais extenso com 305 páginas escrito em letra magrebina (veremos que este tipo de letra tem varias particularidades) com cerca de 25 linhas por página. A edição diplomática elaborada por Monferrer-Sala é feita a partir do manuscrito tunisino do ano 1230, que foi já descrito no século 20 por Mikel de Epalza e Van Koningsveld. Ainda na introdução, dá-se abundante informação sobre as edições anteriores desta

obra, elencando as suas virtudes e os seus aspetos menos conseguidos: A primeira edição deste texto foi elaborada por Paul Devillard nos anos 70s do século 20 a partir dos manuscritos de Istambul, mas foi apenas uma edição parcial. Também com base nos dois manuscritos turcos, Ahmad Hijāzī al-Saqqā fez uma edição completa da obra em 1978, publicada em Beirute. A edição é acompanhada de introdução, muitas notas e índice a partir de um microfilme conservado na Biblioteca do Cairo. Contudo, e segundo o Prof. Monferrer-Sala, a edição de al-Saqqā tem grandes problemas. contendo inúmeras leituras erradas e correções inadequadas do texto. Actualmente está a ser feita uma edição completa desta obra pelo Dr. Ahmed Ait Belaid que usa os 3 manuscritos.

Os excertos de *al-'Ilam* tratados neste livro tem que ver com o cristianismo nomeadamente com os argumentos invocados pelo autor da obra contra a fé cristã. Alguns excertos são retirados de correspondência com bispos cristãos, ou autoridades religiosas cristãs, como por exemplo o bispo de Sicília, Hafs bin Albar al-Quti, provavelmente de origem moçárabe e incidem particularmente sobre questões de doutrina teológica, como é o caso da natureza de Cristo, a Trindade e o Batismo. Também reflete sobre práticas sociais, nomeadamente sobre o jejum, o uso do sal na purificação das casas, entre outras.

Esta edição apresenta dois tipos de aparato crítico que torna a edição mais versátil, passível de ser utilizada por investigadores e leitores com interesses diversificados: por um lado, inclui um aparato que compara o texto com os diferentes manuscritos do *I'lam*, e com a versão de al-Saqqā em particular, Através deste aparato é possível perceber que as diferenças entre manuscritos são na maioria substituições de palavras-homónimas ou alterações do texto corânico ou do Hadith; o segundo aparato compara o texto em hebreu (mas escrito em caracteres árabes) com o original aramaico publicado em *The Bible in Aramaic. Based on old manuscripts and printed texts*. Leiden, Brill 2004.

A edição destes excertos permite-nos conhecer o horizonte intelectual de um jurista maliquita do al-Andalus: longe de desconhecer a literatura e tradição cristãs, o clérigo muçulmano está muito bem familiarizado com ambas assim com a tradição hebraica e a sua língua antiga o Aramaico. Ainda assim, e a partir dos excertos transcritos, podemos confirmar a existência de uma bíblia (e evangelho) em árabe que difere da bíblia árabe conhecida no Oriente, que só surge séculos mais tarde (século XV), um assunto que merece a pena investigar. Os excertos também contêm um texto em Aramaico, mas transcrito em caracteres árabes e que é provavelmente originário da bíblia judaica peninsular.

A presente edição também nos permite tirar algumas conclusões relativas à

língua árabe utilizada na Península Ibérica. É importante salientar que a língua árabe do texto da edição diplomática é diferente do árabe clássico, denotando uma provável interferência dos dialectos locais ou de outros substratos linguísticos. É pois possível que o autor da obra (ou algum dos copistas dos manuscritos que chegaram até nós) não seja de origem árabe ou que não dominasse completamente o árabe clássico disseminado e conservado no Corão.

No que toca aos seus propósitos, é evidente que esta edição reflete uma preocupação por parte do autor em tornar conhecido textos pouco acessíveis. Contudo, também parece claro que esta edição se destina sobretudo a um público especializado. Primeiro, porque não fornece uma tradução para o espanhol dos excertos, o que limita a sua leitura àqueles que conhecem o árabe. Depois, porque o sistema de transcrição embora pretenda respeitar o *usus scribendi* do manuscrito, torna a sua leitura difícil até para um leitor do árabe atual, já que difere claramente do sistema de escrita vigente nomeadamente na troca dos pontos diacríticos das letras fā', qāf, nūn e problemas com posição da hamza. Na minha opinião, teria sido útil frisar estes aspetos na introdução.

Outro pormenor que não fica cabalmente esclarecido diz respeito à escolha dos excertos apresentados na edição diplomática. Na verdade, não ficam claros quais os critérios de seleção que motivaram a escolha dos 10 excertos publicados, nem o contexto em que ocorrem na obra de Hijāzī al-Saqqā. É possível que a seleção feita pelo autor resida num interesse pela questão da intertextualidade e no uso da tradução árabe da bíblia hebraica ou seja do Targum ou provavelmente do Pentateuco por parte dos clérigos muçulmanos.

Em conclusão pode dizer-se que a edição do Professor Monferrer-Sala destaca uma herança histórica importante mas pouco abordada que é a polémica cristã-muçulmana no contexto da cultura arabófona do al-Andalus e onde se identifica e se realçam diferentes formas do árabe através de um texto plurilingue e original no seu conteúdo.

Michel Kabalan
(Freie Universität Berlin /
Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)